

28. KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*. 5.ed. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1980.
29. LINK, Christian. *Schöpfung*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1991. Bd. 2: Schöpfungstheorie angesichts der Herausforderungen des 20. Jahrhunderts.
30. LIVRO DE CONCÓRDIA. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4. ed. Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.
31. McCOMISKEY, Thomas E. arb In: HARRIS, R, Laird; ARCHER, Gleason L. Jr.; WATKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 212-213.
32. MEADOWS, Denis. *Die Grenzen des Wachstums*. Bericht des Clubs of Rome zur Lage der Menschheit. 1972.
33. MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no Livro de Gênesis*. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.
34. MESTERS, Carlos. *Paraíso terrestre: esperança ou saudade*. Petrópolis: Vozes, 1978.
35. MOLTMANN, Jürgen. *Gott in der Schöpfung*, 1985.
36. NELIS, J. Criação. In: BORN, A. van den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 314-326.
37. PACKER, James I., TENNEY, Merrill C., WHITE, William Jr. *O Mundo do Antigo Testamento*. Miami: Vida, 1988.
38. PÖHLMANN, Horst G. *Abriss der Dogmatik: Ein Kompendium*. 5. Aufl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1990.
39. PREUSS, Horst D. *Theologie des Alten Testaments*. JHWHs erwählendes und verpflichtendes Handeln. Stuttgart/Berlin/Köln: Kohlhammer Verlag, 1991.
40. PREUSS, Horst Dietrich. *Theologie des Alten Testaments*. vol. 1. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1991.
41. RUDOLPH, Wilhelm. *Hosea*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1996.
42. SCHLINK, Edmundo. *Ökumenische Dogmatik: Grundzüge*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.

O SER HUMANO EM MEIO A ASTROS, ANIMAIS E UMA SERPENTE ESPERTA! A ANTROPOLOGIA EM PROSA E VERSO NOS PRIMEIROS CAPÍTULOS DA BÍBLIA

Renatus Porath*

1. Ao perguntar-se pela antropologia bíblica, começa-se a folhear os primeiros onze capítulos da Bíblia, a assim chamada história dos primórdios (Gn 1-11) e, impreterivelmente, chega-se a Gn 1-3, do qual um punhado de conceitos antropológicos salta aos olhos do/a leitor/a, entrementes todos conhecidos, também por gente não muito afeita à leitura das Escrituras Sagradas da tradição judaico-cristã.

2. A criação do ser humano (*‘adâm*) deve-se à iniciativa do ato criador divino (*barâ*); homem e mulher criados à imagem (*tsélem*) e semelhança (*demût*) de Deus (*‘álohim*); vários imperativos divinos, endereçados ao primeiro casal, descrevem as tarefas que esperam por eles no mundo para o qual foram criados: “*sede fecundos, multiplicai-vos, e enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre*” os demais seres vivos no mar, no céu e na terra; acompanha ainda: a receita alimentar comum para todos os seres vivos, destituída de proteína de origem animal, e o selo de qualidade com os dizeres: “*e viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom*” (Gn 1.26-31). O primeiro poema da criação, que contém essas referências ao ser humano, situa, com destaque, homem e mulher no contexto cósmico.

3. Os autores sacerdotais deste poema (Gn 1) não se contentam em

* Renatus Porath (Dr.) é docente na área de Antigo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia – FLT. As presentes teses foram apresentadas, originalmente, num painel de discussão na Semana Teológica de 2003 da *Escola Superior de Teologia – EST*, São Leopoldo/RS, que tinha como tema “Antropologia”.

destacar a dignidade de homem e mulher como imagem, como criaturas incumbidas da administração do mundo que o cerca. Constatam, também, com uma radicalidade surpreendente, que os humanos não estavam à altura da tarefa que lhes fora confiada. O balanço desastroso de sua administração foi feito através da narrativa do dilúvio (Gn 6-9): encheram a terra de violência (*hamás*) e perversão, ao invés de promover bem-estar e solidariedade através de sua governança. Só tem uma saída, qual seja, pôr fim à banda podre da humanidade, através da intervenção divina. Mas a outra banda, que escapou ao dilúvio, “*a semente da nova humanidade*”, representada pela família de Noé, também não conseguiu extirpar o mal pela raiz, enquanto lançava nos compartimentos da arca, em meio às águas revoltas. Mal tinham pisado a nova terra e lá estavam, homem e mulher, praticando a velha violência e insistindo na mesma perversão. Mesmo assim, o Criador faz um pacto com a terra e seus habitantes (Gn 9). Mas como manter o pacto sem compactuar com a violência que se aninhara no seio da humanidade? Como manter a comunhão com aquele que os criara, feito sua imagem, se violência e perversão impedem que homem e mulher se acheguem a Deus? Com o Israel, feito à imagem de seu Deus, não é diferente; o círculo vicioso se repete, mesmo depois da libertação da violência no Egito.

4. O criador de céu e terra, que descansara no 7. dia, não dá descanso enquanto não puder morar na terra e estabelecer uma comunicação efetiva e afetiva com seu povo. Ele não sossega enquanto não reunir seu povo junto à “tenda do encontro” (*‘ohel mo’ed*, Ex 25.8-9). Israel aqui representa toda a humanidade, nesse encontro singular. Só poderá chegar-se a essa tenda quem reconhecer sua condição precária, quem tiver consciência de que pertence à família humana, que abriga em seu meio uma fonte inesgotável de violência e de outras forças destrutivas mais. Os complicados dispositivos, para possibilitar a alguém o acesso à tenda do encontro (p. ex. Lv 9), expressam dois movimentos. Um que vem de Deus e materializa sua vontade amorosa de superar todos os empecilhos para, finalmente, morar no meio de seu povo. Um segundo movimento vem da parte do ser humano que, ao obedecer a esses dispositivos cúltico-sacrificiais, outra coisa não faz, senão expressar sua consciência aguçada de que não é nada pacífico poder se reunir com o povo para o encontro com Deus, na sua tenda. Os sacrifícios e as ofertas não constroem o acesso do povo violento e perverso à área da tenda, mas expressam a disposição de Deus para aceitar, incondicionalmente, seu povo, apesar de este não corresponder às exigências mínimas para dividir o espaço da tenda com seu Deus. A violência confessada e a perversão reconhecida, na

entrada da tenda, poderão ser estancadas por iniciativa de Deus. E a festa do encontro do criador com sua humanidade, feita à sua imagem, tornou-se realidade (Lv 9.22-24).

5. Na visão dos círculos sacerdotais, falar de imagem visava, ao meu ver, em primeiro lugar, ao encontro com Deus junto à tenda, para então, num segundo momento, ao sair de lá, visar ao exercício da co-regência do mundo que nos cerca. A comunidade cristã deve este testemunho ao mundo: Deus armou sua tenda do encontro, “cheia (!) de graça e de verdade” (Jo 1.14), no meio do povo, numa realidade marcada por violência e perversão. Levar o povo, feito à imagem de Deus, até a tenda, deverá ser nossa missão primeira. Só então, conscientes de nossa própria precariedade para construir um convívio sem violência e sem as seqüelas da perversão, e após ter experimentado a aceitação condicional por parte de Deus junto à tenda, vamos sair da festa para sujar as mãos no cotidiano, para ajudar no desmonte de estruturas que geram violência e provocam perversão. A fala “homem e mulher, criados à imagem de Deus” não pode se esgotar num discurso ético que aponta unicamente para a dignidade inerente ao ser humano, ela precisa apontar para o encontro na tenda, pois Deus é a esperança humana. Desse encontro nascerá uma nova consciência de liberdade para seu povo.

6. Já no capítulo dois, do livro de Gênesis, outras dimensões antropológicas se abrem. Deus, feito oleiro, modela o primeiro exemplar humano masculino, com argila, e lhe sopra o “fôlego da vida”, tornando-se, este, ser vivente (*näfäsh hayá*) para viver no jardim, plantado especialmente para ele, com o mandato de cultivá-lo e cuidar dele. O *‘adam* pertence à *‘adamál* à terra; dela foi formado e a ela tornará, como os demais mortais. Sentindo-se só, o primeiro ser humano foi em busca da companheira que lhe correspondesse. Não a encontrando entre os demais seres vivos ao seu redor, Deus pôs fim à solidão do homem, fabricando, da costela de Adão, Eva. Um mundo intacto, mas não por muito tempo.

7. Na cena seguinte (cap. 3), um dos seres vivos, uma serpente, especialmente esperta, semeia a dúvida quanto aos limites estabelecidos pelo *YHWH* oleiro e jardineiro: “*Será que Deus disse...*”. E lá estavam Eva e seu Adão comendo do fruto proibido, tão cobiçado. A transgressão dos limites – ser como Deus, conhecedores do bem e do mal – faz com que seus olhos se abram, mas sentem-se desconfortavelmente nus e tornam-se fugidios diante do Deus *YHWH*, que até então os rodeava cheio de cuidados.

8. Deus os encontra em seus esconderijos e se aproxima deles com interrogatórios, denúncias, condenação e sentenças desfavoráveis, acompanhadas de maldições para as três personagens. A serpente terá que se alimentar de terra, rastejar sobre seu ventre. A cumplicidade entre mulher e serpente será transformada em inimizade. A mulher gerará seus filhos com dores; seu desejo será pelo marido, mas, em troca, ela terá que amargar o exercício do domínio deste sobre ela. E a sentença do homem: “*maldita a terra! adamá por tua causa... no suor do teu rosto comerás teu pão*” (Gn 3.17ss).

9. O fruto proibido conferiu-lhes o saber descomunal, fazendo do primeiro casal “*conhecedores do bem e do mal como um de nós*” (Gn 3.22), como o constata o interlocutor divino. Para evitar que ainda saboreiem do fruto da imortalidade, eles devem deixar o pomar das tentações para trás. Antes de serem expulsos do jardim do Éden, que puseram a perder, Deus tem o cuidado de confeccionar-lhes uma vestimenta adequada para enfrentar as incertezas do lado de fora, marcadas por perigo, dor, suor e lágrimas.

10. Quantas percepções antropológicas e teológicas não fluíram para dentro desta narrativa do Jardim do Éden (Gn 2.4b-3.24) e do poema da criação (Gn 1.1-2.4a). São conceitos talhados, durante séculos, no laboratório chamado história de Israel. O que Israel experimentou, a duras penas, com seu Deus *YHWH*, dentro e fora de casa, dentro das estruturas indispensáveis para um Estado autônomo e fora de seu território, como povo exilado pelas potências estrangeiras, resultou nessa antropologia condensada nos primeiros capítulos da Bíblia. Ora Deus era vivenciado como aquele que amavelmente conduzia seu povo, providenciava-lhes o essencial para vida, ouvia o clamor de gente que corria risco de vida e livrava seu povo de becos sem saída; ora *YHWH*, através da boca de profetas, denunciava crimes, apontava para culpa e anunciava a desgraça vindoura como castigo.

11. A um Deus experimentado, ora como salvador, ora como julgador de seu povo, corresponde uma realidade humana cheia de interrogações e incertezas, mas também uma realidade humana pautada de certeza de salvação pode vir a mesclar-se. Nessa realidade, em que experiências de salvação e perdição se mesclam, em que negação e afirmação se alternam, forjou-se a antropologia bíblica. Com esses conceitos de ser humano na mão, procuramos responder às inquietações que nos assolam, acreditando que nasceram entre pessoas que viveram em estruturas existenciais, minimamente análogas àquelas em que nós vivemos e sofremos.

DOIS TEXTOS, DUAS LEITURAS. UM DIÁLOGO CRÍTICO ENTRE A EXEGESE E A ARQUEOLOGIA

Renatus Porath*

I. INTRODUÇÃO

É a glória para todo projeto arqueológico quando escavações não só trazem à tona as estruturas arquitetônicas e os artefatos que apontam para a dinâmica interna das comunidades que viveram e se sucederam, nos mais diferentes períodos, num determinado sítio, mas quando essas informações arqueológicas são complementadas por achados de cerâmica com inscrições que permitem a reconstrução da cronologia da história e a descrição das relações sociais daquele sítio.

Encontrar uma biblioteca inteira como em *Ras esh-Shramra*, no litoral norte da atual Síria – local identificado com a cidade-estado de Ugarit, dos séc. 14/13 a.C. e destruída no séc. 12 a.C. – ou como em *Tell Hariri*, situada junto ao Médio Eufrates – identificada com o Reino de Mari, do séc. 18 a.C., que por sua vez era contemporânea da antiga Babilônia, governada por Hammurabi –, são exceções. Em ambos os sítios, uma vasta biblioteca foi desenterrada, o que ajudou a interpretar a arquitetura e os artefatos desses lugares¹.

Por via de regra, arqueólogos têm que se contentar com interpretações construídas a partir de comparações e paralelos estabelecidos entre os diferentes sítios. Sem falar da arqueologia que se dedica a comunidades sem

* Renatus Porath (Dr.) é docente na área de Antigo Testamento na Faculdade Luterana de Teologia – FLT. O presente texto é uma versão ampliada de uma comunicação feita em 05/09/2002, no IX Congresso de História Antiga e III Simpósio Internacional de História Antiga do Cone Sul, realizado na UFRGS, Porto Alegre/RS.

¹ DONNNER, H, *História de Israel*, p. 20.